

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Dir. Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Dir. Executiva*ETEVALDO DIAS — *Dir. (Brasília)*WILSON FIGUEIREDO — *Dir. de Redação*DACIO MALTA — *Editor*ROSENTHAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*

A Máscara da Recessão

São totalmente diversas a recessão americana e a recessão brasileira. O conteúdo real do fenômeno assinalado nos Estados Unidos está na rápida mudança de comportamento na sociedade: os americanos contiveram o ímpeto de consumir e as empresas cortaram despesas. A queda da arrecadação tributária obrigou o governo, que lá é apenas o gestor da coisa pública, a restringir gastos. Todos apertaram o cinto.

É força de expressão falar de recessão econômica no Brasil como se fosse a mesma coisa. O peso que o fenômeno tem nos Estados Unidos não autoriza a falar de recessão brasileira. A nossa — localizada em setores que estão se ajustando a uma nova economia — é mais para uso retórico e consumo eleitoral. Serve mais para fazer oposição quando não se tem muito a dizer e desobrigar-se de contribuir para uma consciência de luta sagrada contra a inflação.

A queda vertical na popularidade do presidente Bush, que chegou aos 90 por cento na guerra contra o Iraque e caiu agora a menos da metade, dá a medida política do que é uma recessão verdadeira, que abalou a fase preliminar da sucessão americana. Por ser geral a retração das atividades econômicas, ninguém se atreve a apelar nos Estados Unidos para o consumo, a título de retomar o desenvolvimento.

Uma recessão digna do conceito econômico não se satisfaz com uma taxa de desemprego como a que o Brasil exibe para efeitos políticos imediatistas. As empresas entrincheiradas nos preços altos adotariam outro comportamento se estivessem numa conjuntura recessiva para valer: reduziriam a margem de lucro e, em vez de se ressarcirem vendendo menos por preços mais altos, procurariam vender mais por preços menores.

O domínio do mercado por um número reduzido de empresas permite a existência de cartéis industriais e dificulta ao governo introduzir uma aragem competitiva na produção. Juntam-se todos na defesa dos privilégios comuns, reduzindo a produção para manter preços altos e impedindo a concorrência com preços para baixo. Tudo isto atesta que a crise real da economia brasileira está mais para uma transição do que para uma recessão.

Desde que começou a sair do autoritarismo, o Brasil se considera em transição. É uma desculpa geral. A palavra, no entanto, não é mais suficiente para justificar a lentidão que as resistências imprimem à modernização. A crise brasileira é exatamente essa transição retórica, que não se materializa porque

a demora dos resultados aponta resistências com raízes no passado pré-capitalista. A rigor, o Brasil não conhece a economia de mercado. Na segunda metade do século, os estímulos governamentais à industrialização deixaram de ser eventuais e se tornaram permanentes. Com isso, descuidou-se da produtividade.

Meio século sob a proteção do Estado e à sombra de um nacionalismo eminentemente anticompetitivo firmaram hábitos que resistem com tenacidade à passagem a um capitalismo com liberdade para disputar o mercado em caráter permanente. O capitalismo de Estado desabou universalmente, a despeito dos sistemas políticos que o adotaram. Nas nações ditas socialistas e nas que se acreditavam democráticas, mas entregaram a economia em mãos do Estado, o resultado foi o mesmo: não valeu a pena o sacrifício da sociedade para sustentar uma economia incapaz de sobreviver pelos seus méritos.

Há evidente exagero quando se fala em recessão no caso brasileiro atual. Um pouco mais de objetividade destaca a ênfase política e mostra os interesses que resistem à disputa do mesmo espaço. Os privilégios disfarçados de interesse nacional e camuflados de mercado fazem um jogo de pressões para retardar o mais possível a passagem da economia paraestatal à liberdade econômica. A isso não se pode chamar de recessão sem afrontar conceitos econômicos de validade universal.

A inflação é o supremo desafio aos brasileiros, depois de ensinados a conviver com ela como se a correção monetária fosse uma relação normal. Tanto era falsa a convivência que, ao fim de duas décadas, caiu a máscara: só os oligopólios e os bolsões que praticam a cartelização continuam interessados em defender a camuflagem nacionalista e a estatização, em vez do combate à inflação. A sociedade esperou em vão até agora a sua oportunidade. O autoritarismo se retirou da política, mas a economia continua centralizada e fechada à competição. Passou até a desafiar o poder do governo.

A opinião geral começa a entender que o Brasil tem uma oportunidade de significado histórico se for capaz de se emancipar dos hábitos que custaram sacrifícios a muitos e deram vantagens a poucos, para viver na economia de mercado. A inflação está com os dias contados, depois que o governo conseguiu isolá-la e mostrar os seus sócios ocultos. Já se perdeu muito tempo.